



## **Feminismo e homossexualidade em Ovídio e Ali Smith**

Feminism and homosexuality in Ovid and Ali Smith

Carlos Henrique Bento<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta uma leitura do livro *Garota Encontra Garoto*, de Ali Smith, enfocando as relações de gênero - feminismo e lesbianismo. Trata também das relações que o livro apresenta com o texto de Ovídio, constituindo uma releitura do texto clássico com o objetivo de mudar o destino das personagens oprimidas.

**Palavras-chave:** Feminismo; Homossexualidade; Ali Smith; Gênero.

**Abstract:** This text brings a reading of the book *Girl Meets Boy*, by Ali Smith, focusing on gender relations - feminism and lesbianism. It's also about the relations between that book and the original text by Ovid, as a re-reading of the classical text, aiming to change the destinies of the oppressed characters.

**Keywords:** Feminism; Homosexuality; Ali Smith; Gender.

As últimas décadas do século XX e o início do XXI foram marcados por lutas e reivindicações de direitos sexuais e igualdade de gênero. O movimento feminista se destacou desde meados do século XX, seguido pelo movimento por direitos dos homossexuais. À medida que esses movimentos cresceram e ganharam forças, foram emergindo inúmeras formas de subjetividades relacionadas ao sexo, ao gênero, e a práticas e vivências sexuais. Questões relativas ao sexo, ao gênero, à diversidade passaram a ocupar o debate contemporâneo, ganhando destaque até em órgãos e mídias conservadoras. No entanto, apesar do espaço ocupado pelo debate sobre as demandas das mulheres e das chamadas minorias sexuais, na prática ainda há muitos problemas a serem resolvidos e direitos a serem conquistados. Afinal, é desconcertante perceber que o número de estupros em um país como o Brasil se mantém em patamares absurdamente elevados. Ainda se tem notícias sobre estupros coletivos, mesmo em nosso país. O estupro ainda é praticado com a justificativa de se tentar "corrigir" o lesbianismo. Homens e mulheres são agredidos e mesmo mortos por serem homossexuais. Travestis e transexuais sofrem humilhações e enfrentam enormes dificuldades para mudar seus nomes. Tudo junto, forma-se um quadro dantesco, assustador e vergonhoso. Pois, se por um lado é inegável que mulheres e homossexuais gozam, pelo menos em um país como

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras: Literatura Comparada (UFMG); Professor do IFMG (Instituto Federal de Minas Gerais).

o Brasil, de direitos que lhes eram negados, por outro fica evidente que ainda há muito por que lutar.

A literatura sempre representou os conflitos e demandas sociais, e, mesmo em contextos de forte repressão, criou histórias sobre mulheres e homens oprimidos, seja pela simples condição feminina, seja por condutas que não eram consideradas adequadas em determinada época e sociedade. Mais recentemente, além de criar esse tipo de histórias, muitos autores e autoras escrevem textos que revisitam obras, especialmente de autores consagrados, e dão um novo olhar às questões de gênero. Essas reescritas colocam mulheres e homossexuais em posições de menor opressão, mas também denunciam violências e injustiças baseadas em expressões sexuais e de gênero. É o caso da obra *Garota Encontra Garoto*, da escocesa Ali Smith.

O livro apresenta uma narrativa inspirada na história de Ifis, escrita por Ovídio e publicada no livro *Metamorfoses*. Trata-se de uma história contemporânea que, ao fazer referência explícita ao texto ovidiano, incorporando-o, estabelece com ele relações de correspondência semântica, transferindo para as personagens escocesas o drama vivido pela jovem cretense. O percurso contemporâneo é, no entanto, totalmente diferente da história criada por Ovídio, funcionando como uma reescrita ou como um texto que busca revisar e propor um novo destino para a personagem clássica. Como dito anteriormente, no geral esses textos revisionistas propõem a retirada das personagens de alguma situação de opressão e é comum em ficções de cunho feminista. Ali Smith procede a uma revisão que se compromete com a causa feminista e lésbica. Seu texto conta a história de duas irmãs, Anthea e Imogen, que vivem na pequena cidade de Inverness, conhecida internacionalmente pelo lago Ness. A cidadezinha é a casa da própria escritora. A narrativa enfoca basicamente a descoberta da homossexualidade de Anthea, que se apaixona por Robin, uma mulher andrógina que gostava de se vestir com roupas masculinas. A androginia aparece também no nome da mulher, Robin, que pode ser usado para garotas e garotos. A descoberta da homossexualidade de Anthea desencadeia uma série de eventos em sua própria vida e na de sua irmã. A escolha do nome de Robin é uma referência à ausência de marcação de gênero no nome de Ifis. Ou seja, assim como Ovídio optou por um nome que, por si, não afirma o gênero, o que foi fundamental para a existência de sua personagem, Smith busca manter um nome ambíguo, demonstrando compreender o papel que tal ambiguidade desempenha na narrativa original. Para compreender o processo revisionista proposto por Smith, é preciso discutir as questões principais do texto ovidiano.

Ovídio conta que a história, referida como um milagre, aconteceu na cidade de Festo. Ali vivia Ligdo e sua esposa Teletusa, que estava grávida. Ligdo comunica a Teletusa que devido à sua condição financeira precária, seria impossível arcar com o ônus de ter uma filha. Portanto, se o bebê fosse do sexo feminino, deveria ser sacrificado. O direito de viver seria concedido, exclusivamente, a um bebê do sexo masculino. Com o pressentimento de que gerava uma menina e ciente da sentença de morte decretada à revelia, Teletusa fica desesperada, e procura ajuda divina. Em sonho, aparece-lhe a deusa Io, que lhe diz: “deixa de lado as graves preocupações e desobedece a teu marido. Não hesites, quando Lucina tiver feito o teu parto, em criar a criança, qualquer que seja” (OVÍDIO, 1983, p. 179). A visita da deusa não resolve o problema de Teletusa, pois não há a garantia de que o bebê será um menino. A deusa também não promete melhorar a condição financeira de Ligdo nem demovê-lo da ideia de sacrificar a criança, se do sexo feminino. O que a deusa faz é pressionar Teletusa entre a observância do mando divino e a obediência devida ao marido. Como não poderia deixar de ser, Teletusa dá a luz a uma menina. Em segredo, veste-a como menino, e assim a educa. Do avô de Ligdo vem o nome Ifis, que além de garantir justa homenagem a um ascendente, ainda se presta a garantir alguma neutralidade de gênero à criança. Por isso, “a mãe se alegra com esse nome, comum aos dois sexos, pois a ninguém enganaria com ele” (OVÍDIO, 1983, p. 179). O nome permitia a Teletusa reduzir o repertório de mentiras que precisaria usar para manter o segredo. Ifis é o nome sem gênero e sem suspeitas. Ligdo não poderia se opor ao uso do nome de seu pai, nem deixar de ficar lisonjeado com a escolha da esposa. Assim, Ifis sobrevive e cresce, existindo e não-existindo ao mesmo tempo, mergulhada em indefinições e ambiguidades.

Ifis cresce bela, inteligente e querida na sua comunidade. Ovídio afirma que “a mentira foi tida como verdade, e ninguém soube da simulação, a não ser a ama da criança” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Portanto, o artifício se mostrou eficaz, e a deusa garantiu a integridade do seu culto. O jogo parecia funcionar, e as habilidades de atuação de Teletusa e da própria Ifis se mostravam suficientes. No entanto, o tempo é ardiloso e hostil a certos tipos de mentiras. Ifis trava forte amizade com uma colega de escola, lante, “a donzela mais louvada pela beleza, entre as donzelas de Festo” (OVÍDIO, 1983, p. 179). A inocência dos corações pueris faz da amizade, amor. E aos treze anos, as duas ficam noivas.

Ovídio informa que as garotas receberam a mesma educação primária, o que fez “com que o amor afetasse os dois corações juvenis, inflamando ambos com igual paixão” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Tudo, como se nota, seria perfeito, não fosse o fato de Ifis ser

uma mentira, enquanto homem. Como resultado, embora o amor fosse comum às duas, a esperança de um futuro feliz não graça no coração de ambas com igual fervor: enquanto lante vê a proximidade do casamento como motivo de felicidade e realização, Ifis “ama aquela que não tem esperança de possuir jamais” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Nesta citação, é evidente a convicção de Ifis quanto à sua responsabilidade de satisfazer as expectativas que sobre ela foram colocadas. Embora seja mulher, ela sabe que sua existência social é masculina, e este é o seu lugar em um eventual casamento. Ifis não cogita a possibilidade do amor entre duas mulheres. Neste ponto, o texto se complica um pouco, uma vez que o desejo de Ifis está, claramente, direcionado para lante, em uma estrutura paradoxal: o amor que ela sente não cabe no imaginário da sociedade em que ela vive. Além disso, o discurso de Ovídio coloca em Ifis a noção de que o casamento se consuma por meio do ato de se possuir a mulher. Tomar posse é necessário para que haja a união conjugal. O casamento não se estabelece como uma união em que duas pessoas se encontram em igual força, posição ou valor. Se Ifis vive em uma sociedade em que a vida da mulher é descartável, em que seu pai pode optar por matá-la apenas devido ao seu sexo, o que demonstra a fragilidade das mulheres, como pensar que um romance lésbico seria aceito?

No entanto, o plano narrativo não permite dizer se o desejo de Ifis por uma mulher se deve à sua homossexualidade – talvez parte do projeto de intervenção da deusa – ou à incapacidade do autor de considerar, mesmo na ficção, a possibilidade da homossexualidade. Afinal, a narrativa de Ovídio revela um universo profundamente machista: Ligdo define se a criança vive ou morre; o direito de viver só se concede ao homem; ao homem é dada a posse da mulher. Assim, se pensamos o casamento como instituição em que um dos integrantes é mais forte, a relação entre duas mulheres seria a união entre duas fraquezas. Isso, claro, seria inaceitável.

Voltando ao ponto, Ifis está desesperada, tanto mais quanto se aproxima a data do casamento. O desespero leva ao lamento, e ao lamentar Ifis reitera a impossibilidade do amor entre pessoas do mesmo sexo. Ela começa: “como sairei de uma situação que ninguém conheceu, presa de um amor inaudito?” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Nessa forma de lamento, o discurso que se coloca na boca de Ifis revela a impossibilidade da união entre duas mulheres, justificando-a a partir da ausência de exemplos, de modelos, de tradição.

Na fantasia de Ovídio, a homossexualidade não tem lastro na experiência humana, sendo algo de que nunca se ouvira falar. Isto fica claro na continuação do lamento de Ifis, que diz: “se os deuses quisessem me poupar, deveriam ter poupado; se não quisessem perder-me, deveriam ao menos lançar-me um mal mais acorde com a natureza e os

costumes” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Ou seja, treze anos depois, a benção divina se revela uma maldição, um castigo. Para viver, Ifis paga o preço de não poder amar. O amor, para ela, não é impossível pela falta de correspondência, mas pela ruptura que efetuará nos costumes. Nesta parte, Ifis adiciona mais um elemento, que sustenta boa parte do discurso contrário à homossexualidade, ao longo do tempo. O seu amor por lante é impossível porque não está de acordo com a natureza. A interdição assume, na narrativa, um tom ascendente, que cresce à medida que é reiterada, e é reiterada por um processo aditivo. Portanto, se em algum momento se aceita a possibilidade de se romper com o costume, com a tradição, esbarra-se na afronta à natureza. Nas imagens da natureza Ifis ancora sua convicção de que não é possível duas mulheres se amarem e consumarem tal amor. Ela diz: “as vacas não desejam as vacas, nem as éguas desejam as éguas; os carneiros desejam as ovelhas, o veado procura a sua fêmea. É também assim que se unem as aves, e, entre todos os animais, nunca se viu uma fêmea apaixonada por outra fêmea” (OVÍDIO, 1983, p. 179). De novo, a narrativa prova a capacidade de uma mentira se tornar verdade, no plano discursivo, por meio da sua reiteração. A citação de diversas espécies de animais que, pretensamente, só se relacionam com o sexo oposto, garante a afirmação de que o amor entre duas mulheres não é natural. Ifis lembra que Creta já assistira ao amor entre uma mulher e um touro. Ainda assim, era o amor entre macho e fêmea. A conclusão a que Ifis chega é: “meu amor é mais desvairado que aquele” (OVÍDIO, 1983, p. 179). O desvario é maior no amor entre pessoas do mesmo sexo do que no amor entre espécies diversas. Na Creta de Ovídio, há mais tradição e possibilidade de se consumir a união entre uma mulher e um touro do que entre duas mulheres. Ifis se mostra, também, convicta da impossibilidade de que ela própria ou lante possa ser transformada em mancebo. Desta conclusão resulta que a única solução seria a renúncia, a conformação ao que se prescreve socialmente e a conseqüente desistência do desejo. Ifis se pergunta: “Por que não te reanimas, não toma consciência de ti mesma, Ifis? Por que não expulsas essa paixão impossível e estulta? Vê como nasceste, para que não enganes a ti mesma, e aspira ao que podes aspirar, e ama o que a mulher deve amar” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Note-se o caráter prescritivo e impositivo das relações amorosas, no texto ovidiano. A mulher deve amar o homem. Mais que uma possibilidade, a prescrição tem a força de um dever. Fora do cumprimento do dever está a transgressão, como sinônimo de erro, de crime, de impossibilidade. Ifis coloca sobre si a responsabilidade de se conformar ao que lhe é devido, por ser, mesmo que secretamente, mulher. Como último argumento, Ifis conclui para si mesma: “o amor nasce da esperança e com a esperança se nutre. Não podes ter esperança” (OVÍDIO, 1983, p. 179). Deste

modo, o amor entre duas mulheres é impossível em sua própria concepção. É curioso notar como a formulação do discurso constrói um amor altamente idealizado, mas sua existência e consumação obedecem a limitações racionais e prescritivas, imutáveis e indelévels. O amor inunda os corações das duas jovens, mas amor equivale à posse sexual da mulher pelo homem. A concepção de amor, portanto, impede que duas mulheres se amem.

Teletusa também está desesperada com o casamento, e cuida para que ele seja adiado repetidas vezes. Ela finge estar doente, alega presságios e visões. Como uma Penélope cretense, Teletusa busca todos os meios para estender o tempo e impedir um casamento que não é o seu, mas que a coloca em situação desconcertante como se o fosse. Mas os retardos se esgotam, e falta apenas um dia para a cerimônia. As duas mulheres, desesperadas, invocam Ísis. Quando terminaram as invocações, “pareceu que a deusa sacudiu os seus altares, e sacudiu-os mesmo; bateram as portas do templo; o crescente brilhou, e o sistro ressoou, sonoramente” (OVÍDIO, 1983, p. 180). Com pompa e circunstância, a deusa demonstra atenção aos pedidos das duas mulheres. O texto mostra que as mulheres de Creta tinham intimidade com divindades femininas, que as ouviam e se manifestavam de forma ruidosa, espetacular. Contenta, Teletusa deixa o templo, seguida por Ifis. Ovídio narra: “Ifis a acompanha, mas com passos maiores que de costume; desaparece a palidez de seu rosto, o vigor aumenta, sua própria fisionomia se torna mais enérgica e os cabelos soltam, tornam-se menores. Eis que, de mulher que eras, és agora um mancebo. Levai vossas oferendas aos templos, e manifestai a vossa alegria, confiantes!” (OVÍDIO, 1983, p. 180). Neste ponto, a intervenção divina tem efeito reparador da própria intervenção divina. A sobrevivência de Ifis fora uma maldição, porque se deveu a uma mentira. Agora, a deusa conserta a situação, fazendo de Ifis um homem. Ou talvez o plano da deusa sempre fora pensado para se desdobrar em duas etapas, mantendo os corações vigilantes e a felicidade cara. Em qualquer das duas hipóteses, a solução encontrada por Ovídio é esta: a transformação da mulher em homem. O esmero de Ovídio em poetizar a força do amor das duas jovens não se mostra igualmente potente para cantar a consumação da homossexualidade. Este é o milagre, a que o texto se refere no início. O milagre nada mais é do que a consumação da tradição, dos costumes. Note que a transformação de Ifis em um mancebo é narrada em termos de crescimento e de melhora. Ela cresce, encorpa. A descrição faz lembrar a criação da mulher na Bíblia, que ocorre por um processo de subtração: basta uma parte mínima do homem para se criar a mulher. A transformação de Ifis em homem ocorre por adição: ela precisa crescer para que a mudança ocorra. Graças à intervenção divina, a

heteronormatividade é garantida, e nem mesma a deusa é capaz de a desafiar. Note-se que a homossexualidade poderia ser aqui lida como a maior afronta ao discurso machista, pois a deusa que é capaz de ordenar que Teletusa desobedeça o marido não é capaz de garantir o amor entre duas mulheres. Ou seja, a homossexualidade é ainda mais grave do que a desobediência ao homem.

Saindo da antiguidade e voltando para o contexto contemporâneo, o livro *Garota Encontra Garoto* toma um rumo bastante diverso do que se encontra no mito ovidiano, com o amor entre duas mulheres ocupando lugar central, de maneira celebratória. O texto de Ali Smith conta a história de duas irmãs, Imogen e Anthea, destacando a descoberta da homossexualidade desta última. O processo de descoberta tem início quando Anthea vê um garoto pichando a placa da empresa onde ela e Imogen trabalham, uma grande corporação que deseja dominar o mercado de venda de água no Reino Unido. Na verdade, o garoto é uma garota chamada Robin, que se veste de menino e faz pichações pela cidade, criando problemas com a polícia. Suas pichações, no entanto, não são meras depredações, mas denúncias de injustiças e violências contra mulheres pelo mundo afora. Robin tenta fazer do espaço público uma mídia que desperte a consciência das mulheres da cidade a respeito da situação vivida por outras mulheres ao redor do mundo.

As referências à *Ifis* de Ovídio são explícitas no livro de Smith. A história da garota cretense é contada duas vezes, a primeira na forma de um bate-papo entre Robin e Anthea, antes de dormirem, com as frases misturadas com carícias e gracejos românticos. Robin é a *Ifis* contemporânea, capaz de atualizar o mito. Ela se veste de menino e ostenta um nome que não revela seu sexo. Mas o faz por escolha própria, sem mandos divinos. No entanto, embora Robin seja uma versão “laica” de *Ifis*, sua existência também se equilibra entre ameaças, tanto pela rejeição social da homossexualidade, quanto pelos ataques sofridos por mulheres ao redor do mundo, como afirmam as denúncias pichadas por ela no espaço público. Isso sem contar os problemas que vive com a polícia e demais autoridades.

Anthea e Imogen, que é tratada como *Midge*, embora não goste desse apelido, são criadas pelos avós, após a morte dos pais. Em casa, vivem experiências curiosas, pois o avô e a avó se comportam de maneira oposta ao que manda a prática heteronormativa. A avó fica na poltrona assistindo futebol enquanto o avô cuida das crianças e conta-lhes histórias de feministas. Imogen é introvertida e racional, e não gosta das histórias do avô. Anthea é rebelde e fascinada pelas narrativas.

À medida que vão crescendo, as irmãs apresentam personalidades opostas. Imogen busca ter sucesso profissional, encontrar o homem com quem possa se casar,

viver tranquila e em conformidade com os padrões sociais. Anthea gosta de aventuras, de viver sem preocupações. Na verdade, ela se preocupa com o fato de a irmã considerá-la imatura e irresponsável. É Imogen que consegue o emprego na empresa – onde já trabalhava - para Anthea. E esta tenta se sobressair, para mostrar sua gratidão e convencer a irmã de que não é descompromissada e infantil. No entanto, quando vê Robin pichando a placa da empresa, Anthea fica encantada. Ela não resiste e vai ao encontro do/a garoto/a. É o momento em que o livro de Smith subverte a lógica dos filmes de amor hollywoodianos e de boa parte das histórias românticas, que ensinam que o homem deve encontrar a mulher e conquistá-la. Anthea é a mulher nesta relação, pelo menos até descobrir quem estava por trás das roupas masculinas sobre a escada, pichando a placa. Então, diferente do ideal hollywoodiano, é a garota que vai encontrar o garoto, e descobrir, pouco depois, que é outra garota. Dupla subversão, instituindo a pior ofensa contra o sistema patriarcal e heteronormativo.

A homossexualidade de Anthea é o centro da narrativa de Smith. A história se desenvolve em torno desse fato, que muda radicalmente os destinos das duas irmãs. A descoberta provoca um turbilhão de pensamentos em Imogen, que sai andando pela cidade, tentando se acalmar. É a sua primeira reação, uma espécie de fuga que não se concretizará. Ela tenta encontrar explicações para a homossexualidade, demonstra revolta, medo e muitas dúvidas. Primeiro, repete quatro vezes a frase: “Não estou aborrecida” (Smith, 2008, p. 45). Como um mantra que procura exorcizar um sentimento que é inegável: Imogen está chateada, aborrecida, perdida, desnorreada, talvez com raiva da homossexualidade da irmã, que pode ser a prova de sua irresponsabilidade e imaturidade. Como se sabe, a busca da culpa é uma reação comum à descoberta da homossexualidade, uma forma de se localizar um inimigo que justifique algo que não se aprova. Imogen começa a correr. Surge, então, outra conclusão: “É culpa da nossa mãe, por ter se separado do nosso pai” (Smith, 2008, p. 45). A busca de explicação, de algo que possa resolver a necessidade de uma causa pra homossexualidade de Anthea leva a um outro problema: “Mas se isso é verdade, então também eu posso ser gay” (Smith, 2008, p. 45). O problema ganha contornos assustadores para Imogen. Afinal, são filhas da mesma mãe, criadas da mesma forma. Se a separação dos pais afeta uma, pode ter efeitos parecidos sobre a outra. Imogen se vê, assim, em uma situação terrível, porque se insiste em explicar a homossexualidade da irmã através dos efeitos da separação dos pais, corre o risco de se deparar com sua própria homossexualidade. Se Anthea só se revelou homossexual em idade adulta, a sua também pode estar latente, pronta para aflorar a qualquer momento. Essa hipótese, claro, a assusta mais do que não conseguir a



explicação de que precisa. Ela imediatamente refuta tal possibilidade: “obviamente isso não é verdade, isso não é verdade de jeito nenhum” (Smith, 2008, p. 45). Sua repulsa pela hipótese de que ela própria poderia ser gay é reiterada. Ela diz: “eu decididamente, decididamente, não sou gay”, e em seguida prossegue: “eu decididamente gosto de homem” (Smith, 2008, p. 46). Como se nota, Imogen repete para si mesma a afirmação de sua heterossexualidade. Querendo afirmar a impossibilidade de que sua orientação sexual seja questionada, ela repete continuamente sua convicção, buscando na repetição das palavras alguma força ou capacidade de sustentar o seu desejo. No entanto, a busca da afirmação de sua heterossexualidade no fato de gostar de homens também se revela perigosa, uma vez que Anthea se relacionava com homens. Imogen fica cada vez mais angustiada. Suas dúvidas se dirigem novamente para o discurso, questionando se o correto seria dizer que sua irmã era gay. Ela se pergunta: “será que há uma palavra certa para isso?” (Smith, 2008, p. 46). A busca pela palavra certa acompanha, a partir deste momento, todo o capítulo. O discurso domina a abordagem de Imogen a respeito da irmã. É nele que ela busca a solução, uma forma de dar conta do drama por que está passando. É no discurso que ela busca compreender a homossexualidade, que é um tema interdito e traumático. Ela se lembra de seus tempos de escola, quando se formou sua noção depreciativa a respeito da homossexualidade. Imogen e suas amigas na escola gostavam do seriado *Buffy, a Caça Vampiros*. O seriado tinha um casal de lésbicas. Imogen se lembra que, em um episódio, as duas se beijaram. A narrativa descreve a cena e a reação a ela da seguinte forma: “elas se beijam, perdem o pé e levitam por causa do beijo, e lembro que a melhor política, quando fomos conversar sobre o assunto na escola, no dia seguinte, foi fazer muito barulho de vômito” (Smith, 2008, p. 47). Desde esse momento, na infância de Imogen, a aproximação com o “desvio” homossexual ocorre com a prescrição de performances a serem exibidas publicamente. Em público, a melhor política é rejeitar a homossexualidade, execrá-la, demonstrar asco e nojo. Cena que lembra a famosa parte do filme *Traídos Pelo Desejo*, dirigido por Neil Jordan. A cena do filme se passa em um contexto bastante diferente do que Smith narra em seu livro, mas retrata e reforça a ideia de uma performance padronizada que torne inquestionável a desaprovação e o nojo a respeito da homossexualidade. Essas demonstrações públicas são uma forma de demonstrar que não se é homossexual, garantindo um lugar seguro dentro das exigências e da vigilância em torno dos papéis sexuais e de gênero na sociedade. Uma garantia de segurança e de não rejeição, por ser alguém que zela pela manutenção da ordem vigente, ignorando o quão opressora essa mesma ordem pode ser.

No caso de Imogen, fica clara a presença de uma educação ou de uma espécie de pedagogia não oficial – e talvez também oficial, uma vez que as escolas, em suas práticas e teorias reforça a heteronormatividade e não trabalha a homossexualidade e outras práticas sequer como possibilidade – a serviço de formar pessoas que, mesmo sem nenhuma reflexão, condenam tudo que sai da lógica heterossexual. Imogen, em sua narrativa, demonstra não ter, em si e por si, reservas ou condenação à prática homossexual. Sua repulsa resulta, aparentemente, desse treinamento social e da alienação própria de quem não pretende se envolver com questões que, aparentemente e dentro da lógica míope da normatividade social, não lhe dizem respeito. Ou seja, Imogen foi educada para repudiar a homossexualidade. Como ela não se percebe homossexual e não se depara com a homossexualidade em seu círculo de convivência mais próximo, sua opção é de ignorar a existência de tal possibilidade. É prática comum achar que não se tem problema com alguma coisa, desde que essa coisa esteja distante. Imogen reflete essa postura um pouco à frente. Ela diz, a respeito da homossexualidade: “minha irmã é gay. Não estou aborrecida. Estou ótima. Estaria tudo legal, quer dizer, eu não me importaria tanto, se fosse a irmã de outra pessoa. Tudo bem. Tem um monte de gente que é. Só que não conheço nenhuma pessoalmente, só isso” (Smith, 2008, p. 49). Imogen, como ocorre frequentemente, não tem problema com a homossexualidade, desde que ela seja uma hipótese distante. Na prática, desde que a homossexualidade não exista, de certa forma, por não se colocar, não estar presentificada, no seu universo mais próximo e na sua condição cotidiana. O fato de, em seu discurso consciente, ela não ter problema em relação à homossexualidade não a impede, entretanto, de participar de performances públicas que, de maneira aberta ou velada, condenam a identidade e a prática homossexual. É possível que Imogen conheça pessoalmente muitos homens e muitas mulheres homossexuais, que não se identificam como tal. Homossexuais estariam, em um discurso como este, em alguma condição parecida com personagens de filmes de ficção ou de algumas animações fantasiosas. Como dragões em contos de fadas. Ou seja, ninguém duvida da existência de dragões, em algum plano, e todos convivem com eles. Mas, na prática, claro, eles não existem e não nos afetam. Ninguém precisa temer dragões, a não ser que seja uma princesa esperando um príncipe encantado.

A rejeição de Imogen pela homossexualidade é expressa pelo discurso, que toma a forma de trauma. Ela afirma: “Não consigo dizer a palavra. Deus meu. É pior que a palavra câncer” (Smith, 2008, p. 50). O pensamento assombra Imogen ainda durante sua corrida. Ela dialoga consigo mesma, tentando dar conta do fato com que é obrigada a lidar naquele momento. Se estivesse acompanhada, Imogen estaria em uma relação

quase peripatética, tentando entender sua irmã. Em seu monólogo silencioso, Imogen repete toda a cadeia de ideias que circulam a respeito da homossexualidade e de seu controle. Pensa em culpa, em doença, em uma vida desgraçada para homossexuais. Mas nenhuma das hipóteses resolve, porque ela não pode simplesmente rotular a condenação, lançando-a sobre homossexuais. Naquele momento, a homossexual em questão é sua irmã, única família que ela possui. Irmã que ela não apenas ama, mas por quem se sente maternalmente responsável. Logo depois de afirmar a dificuldade que sente para pronunciar a palavra 'gay', Imogen dispara: "Minha irmãzinha vai se transformar numa velhota insatisfeita, predatória e anormal" (Smith, 2008, p. 50). Nesta fala, há muitas coisas interessantes: em primeiro lugar, Imogen parece convencida de que uma mulher precisa de um homem para ser feliz. Lésbica, Anthea chegaria à velhice sem se satisfazer. A satisfação da mulher depende do homem, portanto. É a ideia da complementação entre macho e fêmea, ancorada no formato das genitálias. Essa ideia é muito desconfortável para ela, naquele momento, não apenas porque sua irmã, enquanto lésbica, não terá um homem consigo, mas também porque a própria Imogen, enquanto heterossexual, ainda não conseguiu muito sucesso em sua vida afetiva.

Esse ponto é interessante, uma vez que o impasse mostra a semelhança entre heterossexuais e homossexuais no que se refere a viver seus amores e encontrar um lugar confortável socialmente. Afinal, ainda que se considere os avanços conquistados especialmente no século XX, a sociedade continua dando valor extremado às uniões conjugais, usando-as como parâmetro de avaliação dos indivíduos. A situação de Imogen revela a fragilidade de algumas ideias que são disseminadas socialmente a respeito dos homossexuais, como estratégia discursiva de manutenção do preconceito a que esses indivíduos são submetidos. A crença de que homossexuais não conseguem se relacionar, pelo menos não de maneira estável ou feliz ecoa a ideia de que a união só pode funcionar entre pessoas de sexos opostos. Há, nessa ideia, um pouco da crença na naturalidade das relações heterossexuais, assim como a afirmação de que a homossexualidade seria, de alguma maneira, amaldiçoada. No entanto, Imogen se enquadra no perfil aceito socialmente quanto à sexualidade, mas não consegue se acertar com ninguém. Está solteira e desconfortável com sua situação. A lembrança de que ela própria está sozinha faz com que seus medos se mostrem incoerentes e ilógicos, obrigando-a a admitir seu preconceito.

Os pensamentos de Imogen, o processo pelo qual ela passa na tentativa de entender a irmã cumprem o papel de desvelar uma cadeia de atitudes e discursos através dos quais o preconceito contra os homossexuais se instala e prospera socialmente.

Frequentemente esses discursos e atitudes se ancoram em estereótipos que são disseminados sem questionamentos lógicos, e apelam para dramas emocionais. Como visto, Imogen teme que a irmã esteja fadada a viver sozinha. Em outra parte, ela conclui: “Os gays estão sempre morrendo, o tempo todo” (p. 52). Ora, o pensamento de Imogen revela aspectos interessantes sobre a situação dos homossexuais nas sociedades machistas. Condenados à invisibilidade, proscritos, esses indivíduos têm sua existência cotidiana ignorada, rechaçada, apagada dos registros comuns. Aparecem somente quando envolvidos em tragédias, no geral como vítimas. Em reportagens nos jornais e na TV, no geral não aparecem homossexuais e suas demandas são ignoradas. Embora haja, principalmente no início do século XXI, uma presença maior de homossexuais na mídia, consequência de vitórias na luta por direitos e aceitação social, esses indivíduos ainda aparecem de forma muito distorcida do que realmente são e, ainda mais, do que se considera como aceitável socialmente. Não que se deva buscar o enquadramento em um padrão social aceitável que deve ser, antes de tudo, questionado. Mas a maneira como são representados é baseada em cadeias de estereótipos e em formas de visibilidade que mais os prejudica do que favorece. De qualquer forma, é comum se deparar com homossexuais envolvidos em tragédias, fato que leva à percepção equivocada de Imogen. Afinal, os gays não estão sempre morrendo, nem morrem o tempo todo. Não mais que não-gays. E se considerarmos a visão geral de que não-gays constituem maioria numérica, certamente eles morrem - em termos numéricos e em frequência - mais que homossexuais.

A narrativa mantém um equilíbrio entre o peso de afirmações como a da frequência da morte de homossexuais e a leveza de outras afirmações que, embora se baseiem em estereótipos preconceituosos, criam um clima jocoso, aliviando a tensão no trato dessa questão ainda delicada. Imogen afirma: “Eu devia ter percebido, porque ela sempre gostou das músicas que têm eu e você nas letras, em vez de ele e eu, ou ele e ela, e a gente sabia disso, costumávamos falar no colégio que esse era o sinal revelador, quando alguém preferia as músicas que tinham a palavra você em vez de um homem e uma mulher” (Smith, 2008, p. 48). Mais uma vez, Imogen revela ideias preconceituosas sobre a homossexualidade construídas ou introjetadas nos tempos de escola. E mais uma vez trata-se de preconceito que passa pela análise de práticas discursivas. A afirmação de Imogen mostra o policiamento que existia em sua escola em relação a indícios de homossexualidade. Buscava-se manter presente um conjunto de indícios que levavam à descoberta da homossexualidade, para que o convívio com homossexuais pudesse ser evitado ou, ao menos, controlado. As memórias de Imogen demonstram um didatismo

quase caricato: a escola é reconhecida como local para aprendizado, e nela se aprende o preconceito e a exclusão de gays e lésbicas. Embora caricato, o pensamento da jovem não está inteiramente dissociado do que revelam as pesquisas sobre relações entre escola e homossexualidade. Todas elas mostram o ambiente escolar como lugar extremamente homofóbico e desconfortável para gays e lésbicas, que relatam ter vivido na escola algumas de suas piores experiências. Na lembrança de Imogen, a nota cômica reside na presença de um estereótipo comum na sociedade, que associa tipos de músicas, filmes, artistas, cores, etc, a gays e lésbicas. Evitar o pronome pessoal seria, assim, uma estratégia para se camuflar a homossexualidade. Ao mesmo tempo, seria uma maneira segura de se desvelar a homossexualidade. Afinal, se socialmente é desejável que homens e mulheres se relacionem, por que se haveria de evitar o pronome que afirma a presença de pessoas de sexos opostos em situações românticas? Tal ocultamento só poderia estar associado, portanto, a um comportamento que se pretende esconder, no caso a conduta homossexual.

Ainda relacionado à escola está outro pensamento que preocupa Imogen, reforçando a impossibilidade de se ser feliz e gay ao mesmo tempo. Ela se lembra da reação ocorrida na Escócia à inclusão de livros com personagens e temáticas gays nas bibliotecas escolares. Imogen se refere a uma campanha contra essa inclusão, que teria espalhado cartazes que diziam: “Eu não sou nenhum puritano, mas não quero que meus filhos aprendam a ser gays na escola” (p. 53). Um pouco à frente Imogen conclui: “Minha irmã seria proibida nas escolas, se fosse um livro” (p. 54). Mais uma vez, a narrativa mostra como o padrão de preconceito contra homossexuais se dissemina pelo contexto social, impregnando o imaginário coletivo. Além da crença de que se trata de algo anti-natural, é comum as pessoas acharem que a homossexualidade pode ser ensinada e aprendida. ou que pode ser disseminada por um processo de contaminação, o que justificaria a tentativa de excluir os indivíduos homossexuais do convívio social, especialmente quando se trata de contato com crianças. É importante notar que a crença não é de que orientação sexual pode ser aprendida ou ser capaz de contaminar os outros, e sim a homossexualidade. Não parece haver a crença de que a heterossexualidade possa ser aprendida ou ser contagiosa. Caso houvesse, provavelmente não haveria gays no mundo, uma vez que há muito mais modelos heterossexuais e contato mais frequente com eles, do que com gays. Há, socialmente, um medo irracional de que gays sejam uma ameaça à manutenção da "ordem" heterossexual. Como se a heterossexualidade fosse frágil demais em relação à homossexualidade, mesmo sabendo que aquela é muito mais comum, numericamente falando. Imogen conclui que, se livro, Anthea seria proibida na

escola. No entanto, a julgar pelas memórias dela própria da época escolar, pode-se dizer que sua irmã teria uma vida bastante difícil na escola, mesmo não sendo um livro, caso fosse considerada gay na época.

Como registrado várias vezes ao longo deste texto, as questões sobre a homossexualidade no livro de Ali Smith estão muito relacionadas com o discurso. Ele é usado para perpetrar o preconceito seja na forma de agressão verbal, seja como dispositivo simbólico que mantém em circulação ideias erradas sobre gays e lésbicas. A leitura do livro revela um modo de usar a linguagem que remete à performance linguística, criada por Austin. Em linhas gerais, Austin parte da constatação de que há certos enunciados que não se enquadram nas normas tradicionais da gramática, ou seja, como frases que descrevem ou enunciam um fato ou situação. E também não estão na categoria daqueles que são considerados sem sentido. Para ele, existem casos específicos em que "o declarar da sentença é, ou é uma parte, do fazer de uma ação, que, de novo, não seria normalmente descrito como dizendo alguma coisa".<sup>2</sup> (AUSTIN, 1967, p. 05). Portanto, o linguista inglês enxerga uma função nova para a linguagem. Algo que supera a compreensão tradicional a seu respeito. Ele prossegue afirmando que "parece claro que enunciar a sentença (nas circunstâncias apropriadas, claro) não é descrever a minha ação (...) ou afirmar que eu o estou fazendo: isto é fazê-lo"<sup>3</sup> (AUSTIN, 1967, p. 06). Portanto, dizer é ao mesmo tempo fazer, desde que as palavras certas sejam ditas e que as circunstâncias sejam apropriadas. É o que se chama de performatividade linguística. Ou seja, a língua é uma performance. A partir dessa perspectiva, a linguagem ganha um poder enorme, de que não se tinha consciência anteriormente. Esse poder parece evidente nos atos que são narrados por Ali Smith.

A capacidade performativa da linguagem está inscrita em todas as partes em que o discurso é capaz de perpetrar o preconceito. As lembranças de Imogen, especialmente da fase escolar, bem como suas conclusões a partir de fatos como a reação de grupos contrários à inclusão de livros com temática gay nas escolas da Escócia são exemplos disso. Mostram como práticas discursivas são capazes de criar uma realidade que leva indivíduos - no caso Imogen - a pensarem e agirem de forma determinada, mesmo quando não têm nenhum dado lógico que sustente tal forma de pensar ou agir. E os efeitos dessas práticas discursivas são reais, porque influenciam tanto a vida de quem

---

<sup>2</sup> "(A). They do not 'describe' or 'report' or constatae anything at all, are not 'true or false'; and (B). the uttering of the sentence is, or is a part of, the doing of an action, which again would not normally be described as saying something".

<sup>3</sup> "It seems clear that to utter the sentence (in, of course, the appropriate circumstances) is not to describe my doing (...) or to state that I am doing it: it is to do it".

adere a elas, que se tornam incapazes de conviver com homossexuais, quanto as pessoas que são vítimas de tais discursos.

A grande vantagem da narrativa de Ali Smith, nesse caso, é o fato de que Imogen é capaz de escapar da armadilha discursiva que envolve a sociedade e que a aprisiona. O fato de que a pessoa em questão é sua irmã, sua única família, a quem ela ama verdadeiramente, faz com que ela perceba o quanto esses discursos são equivocados e perniciosos. Aos poucos, ela consegue perceber que sua situação não é muito diferente do que acontece com os homossexuais. Ou seja, o fato de ser heterossexual não torna mais fácil seus relacionamentos nem lhe garante felicidade com alguém. Ela também percebe que não há nada de errado com gays e lésbicas. Afinal, sua irmã é uma pessoa normal, capaz de amar e a quem ela própria ama profundamente. A grande lição da narrativa é dada pelo fato de que ela não foge da questão, lutando e se esforçando para entender o que se passa com sua irmã. O caminho é difícil, pois requer abrir mão do conforto de ideias prontas, mas bastante simples. Bastou Imogen submeter os discursos que lhe foram incutidos à lógica para que eles se mostrassem absurdos. Após um tempo, ela consegue se aproximar de Robin. Resta a dúvida que a atormenta, e que também se refere ao discurso, conforme expresso no trecho abaixo, que embora longo é importante para finalizar a discussão. Trata-se de um momento em que Imogen chega bêbada. Robin a recebe e lhe dá um copo de água. Imogen está incomodada com as palavras, especialmente a forma de se referir a alguém homossexual. Trava-se o diálogo entre Imogen e Robin. A narrativa segue assim:

*Debruço-me para a frente.*

*Me explica o que é, digo.*

*É água, diz Robin Goodman.*

*Não, digo. Eu quis dizer a forma certa para isso, quer dizer, para você? Preciso saber. Preciso saber a palavra exata.*

*Ela me olha por um bom tempo. Sinto que está olhando para além da minha bebedeira. E então, quando fala, é como se toda ela falasse.*

*A palavra exata para mim, diz Robin Goodman, é eu.*

A insistência de Imogen em classificar e enquadrar os homossexuais se encontra com a segurança de Robin, que em nenhum momento parece preocupada com estereótipos e preconceitos. Ela faz uma afirmação que marca um lugar estável, baseado em um status ontológico inquestionável. Ao afirmar que a palavra exata para mim é "eu", Robin estabelece uma performance que afirma o seu caráter natural, de ser humano que

não se enquadra em definições rasas, estereotipadas. Independente de ser hetero ou homossexual, de se vestir como mulher ou homem, a palavra exata é a mesma que define todos os seres humanos e marca sua existência social, especialmente em um mundo capitalista que se baseia na supremacia do indivíduo: eu. Seu caráter ontológico é inegável, pois Imogen está do lado de um corpo que não pode ser negado. A existência de Robin está garantida, inquestionável. E sua afirmação quanto à sua identidade determina o olhar que se pode lançar sobre ela.

Por fim, a performance linguística aparece na insistência de um nome para se referir a Robin. Isso é fundamental também na escolha do nome Ifis, pois o nome é o instrumento que faz a diferença entre a morte e a sobrevivência. Esses nomes cumprem o papel de criar um lugar intermediário na economia da definição de gêneros. Tanto Robin quanto Ifis são nomes masculinos e femininos. No caso de Ifis, o nome garantiu sua sobrevivência. Robin garante sua existência na força de sua própria noção de identidade.

Com todos esses exemplos, a narrativa de Ali Smith cumpre um papel que extrapola os limites da ficção literária. Ela desvela os limites da construção discursiva de preconceitos e revela como a análise lógica é capaz de revelar a superficialidade de ideias que são naturalizadas em nossa prática social. Por outro lado, ao recontar o caso de Ifis, deixa claro que séculos não foram capazes de resolver a situação de opressão baseada no gênero. Com isso, aponta para a necessidade de se continuar a buscar uma sociedade mais justa e que respeite os indivíduos com suas características, sejam quais forem. Somente assim, a resposta de Robin será aplicável a todos e todas, e a palavra exata para cada um será: eu.

## **Bibliografia**

AUSTIN, J. L. **How To Do Things With Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

SMITH, Ali. **Garota Encontra Garoto**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.